GeoNordeste

https://seer.ufs.br/index.php/geonordeste
ISSN: 2318-2695

Recebido em 18 de maio de 2023
Aprovado em 25 de novembro de 2025

RESENHA DO LIVRO "PERDA DE CONEXÃO COM O MEIO AMBIENTE"

DOI 10.33360/RGN.2318-2695.2024.i1.p.06-10

Diego Deda Gonçalves Brito Cruz
Docente do Instituto Federal de Sergipe. Doutorando IFS/UFRN
diego.cruz@academico.ifs.edu.br
ORCID 0000-0002-1800-6879

Gilsia Fabiane Oliveira Morais
Docente do Instituto Federal de Sergipe. Doutoranda IFS/UFRN
fabiane.ifs@gmail.com
ORCID 0000-0001-9371-6339

Ivanildo de Souza Maciel Júnior
Docente do Instituto Federal de Sergipe. Doutorando IFS/UFRN
ivanildosmj@gmail.com
ORCID 0009-0000-9106-7590

O livro intitulado "Ideias para adiar o fim do mundo", escrito por Ailton Krenak e publicado pela Companhia das Letras em 2020, é uma parábola sobre os tempos atuais, que objetiva discutir as questões relacionadas a manutenção dos povos indígenas em suas terras e a preservação do meio ambiente. Neste contexto, mostra como as ações da humanidade relacionadas à modernização impõem o deslocamento da gente do campo e das florestas para viver em favelas periféricas, virando mão-de-obra em centros urbanos. As pessoas arrancadas dos seus coletivos e de seus lugares de origem são jogadas no liquidificador da humanidade, resultando em uma perda de conexão com o meio ambiente. Os únicos povos que ainda defendem que precisam permanecer agarrados a sua terra são os caiçaras, os índios, os quilombolas, os aborígenes, e que ficaram esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios e nas beiras dos oceanos, por vezes chamados de sub-humanidade.

Para o autor, os povos originários devem continuar resistentes às imposições da civilização exploratória, não saindo da sua terra e ampliando sua subjetividade através da negação da noção de que não somos todos iguais, no reconhecimento da diversidade e na recusa da legitimação do humano como superior aos demais seres. O autor critica a imposição civilizatória da "humanidade" que desrespeita a diversidade humana e suas escolhas de permanência na sua terra, e vivendo em sua sociedade sua experiência de vida (de estar vivo, dançar e cantar). E vai além dizendo que nós,

a humanidade, vamos viver em ambientes artificiais produzidos pelas mesmas corporações que devoram florestas, montanhas e rios.

Ailton Krenak nasceu em 1953 no vale do rio Doce, território do povo Krenak, é jornalista e ativista do movimento socioambiental e de defesa dos direitos indígenas. Sua luta nas décadas de 1970 e 1980 foi fundamental para a conquista do "Capítulo dos índios" na Constituição de 1988. O livro, por sua vez, é o resultado de uma adaptação de duas palestras e uma entrevista realizadas em 2017 e 2019 pelo autor, que é conhecido por sua habilidade com as palavras. O tema abordado por Krenak no livro está situado no campo dos estudos ambientais que exploram os impactos dos sistemas econômicos de desenvolvimento dominantes sobre o meio ambiente e os povos originários, especialmente os indígenas. Em termos de estrutura, a obra é composta por três capítulos, além do posfácio, e não apresenta uma conclusão formal.

No segundo capítulo, Do Sonho e da Terra, o autor discute a tensão nas relações políticas entre o Estado e as sociedades indígenas no Brasil, e como as mesmas são afetadas, especialmente pelas mudanças políticas recentes no país. Além disso, o texto também aborda o impacto das ações humanas na natureza e a importância de reconhecer a Terra como um organismo vivo e nosso provedor. O argumento central é que a máquina estatal busca a integração entre essas populações originárias e o conjunto da sociedade brasileira, desfazendo as formas de organização das sociedades indígenas. O texto também destaca como a relação entre o Estado e as comunidades indígenas têm sido equivocada desde os tempos coloniais, e como as mesmas precisam disputar os últimos redutos onde a natureza é próspera para poderem suprir as suas necessidades alimentares e de moradia. Por fim, o capítulo propõe uma reflexão sobre o impacto que nós, humanos, causamos na Terra e a importância de reconhecermos a nossa conexão com ela. Neste trecho da obra ocorre a descrição de um dano ambiental sofrido pelo povo Krenak, que vive nas margens do rio Doce, entre Minas Gerais e o Espírito Santo e cujo rio foi contaminado por rejeitos de minérios. Tal contexto exemplifica a insegurança destes povos ajudando a tornar a questão mais tangível para os leitores. O autor defende a importância de preservar a natureza e respeitar as formas de vida das populações originais do país, contudo utiliza algumas terminologias não tão familiares para todos os leitores, o que pode dificultar a compreensão do texto. Em alguns momentos, o Ailton Krenak adota uma posição política bastante clara, que também pode afastar leitores que não compartilham das mesmas ideias.

No terceiro capítulo, a humanidade que pensamos ser, o autor faz uma comparação que o fim do mundo talvez seja a interrupção de um estado de prazer que não queremos perder, como na resistência dos povos originários em se manter nas suas terras de origem, conectados com a natureza supridora e farta. E na medida que alerta para preservação do meio ambiente, tão afetada

pelo Antropoceno, faz um contraponto chamando atenção para que a humanidade não interrompa seu estado de satisfação de necessidades e prazer, oriundos dos recursos naturais, mas tão comprometidos pelo processo exploratório.

Uma crítica negativa à obra de Krenak é o uso de linguagem dramática para atrair a atenção do leitor, e a ausência de evidências científicas para fundamentar suas afirmações. O texto é baseado, principalmente, em opiniões do autor e vivências culturais, o que pode afetar a credibilidade do conteúdo. Além disso, não há sugestões alternativas ou soluções propostas para a situação descrita no título da obra, o que pode gerar uma sensação de impotência no leitor.

A obra consegue apresentar a interdisciplinaridade através dos aspectos sociais, culturais, ambientais e econômicos envolvidos nos contextos definidos como da humanidade e dos povos originários, através da descrição histórica explícita. Entretanto, não apresentou referência científica para a seguinte afirmação: “a sustentabilidade é um mito criado pelas corporações para justificar o assalto que fazem à nossa ideia de natureza”. Segundo Krenak, somos induzidos a acreditar que não fazemos parte da Terra e que Terra e humanidade são coisas distintas. Neste posicionamento, defende exclusivamente seu ponto de vista por acreditar que tudo é natureza, e não considerar a natureza como recurso e sim como elemento sagrado e membro da família.

Por fim, a obra cumpre de modo geral os objetivos ao discutir as questões relacionadas a manutenção dos povos indígenas em suas terras originais, bem como sinalizou para a necessidade de a humanidade preservar o meio ambiente. A obra deve ser lida por professores e alunos da área de meio ambiente.